



ISSN: 2595-5713

Vol. 2 | Nº. 3 | Ano 2019

**Óscar Fumo**  
**Alexandre António Timbane**

# PRÁTICAS DE LEITURA DE GÊNEROS ACADÉMICOS: ENTRE OS DISCURSOS DOCENTES E AS CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Reading Practices of academic genres: between the teaching discourses  
and the conceptions of the students at the Eduardo Mondlane University

**RESUMO:** O presente trabalho insere-se no quadro dos estudos dos Letramentos Académicos (LEA, 1994; LEA; STREET, 1998), uma perspectiva advinda dos Novos Estudos de Letramento (GEE, 2000; STREET, 2003; 2012), abordagem teórica que reflete sobre os usos da leitura e da escrita em contextos sociais específicos. Neste texto, propomo-nos descrever as práticas de leitura que ocorrem na Universidade em Moçambique, analisar e discutir os modelos de letramento que lhes estão subjacentes. A abordagem é de natureza qualitativa e consistiu na análise das respostas a um questionário aplicado a oito estudantes que frequentam o segundo e o quarto anos dos cursos de Licenciatura em Ensino de Português, Literatura Moçambicana e Arqueologia, na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. O exercício de análise permitiu concluir que o trabalho com a leitura caracteriza-se tanto pela ausência de orientação nas atividades leitoras, como pelo predomínio da abordagem de leitura como extração e fixação dos conteúdos dos textos.

**Palavras-Chave:** Práticas de leitura; Letramento; Modelos de letramento; Universidade de Moçambique.

**ABSTRACT:** This work is part of the study of academic literacy (LEA, 1994; LEA; STREET, 1998), a perspective derived from the New Literacy Studies (GEE, 1991; STREET, 2003; 2012), a theoretical approach that reflects on the uses of reading and writing in specific social contexts. In this text, we propose to describe the reading practices that occur at the University in Mozambique, to analyze and discuss the underlying literacy models. The approach is qualitative and consisted in the analysis of responses to a questionnaire applied to 8 (eight) students who attend the second and fourth years of Portuguese Teaching, Mozambican Literature and Archeology courses at Eduardo Mondlane University. The analysis exercise allowed us to conclude that the work with reading is characterized both by the lack of orientation in reading activities and by the predominance of the reading approach as extraction and fixation of the contents of texts.

Site/Contato

Editor

Ivaldo Marciano de França Lima  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

**Key words:** Reading practices; Literacy; Literacy models; University. Mozambique.

# PRÁTICAS DE LEITURA DE GÊNEROS ACADÉMICOS: ENTRE OS DISCURSOS DOCENTES E AS CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES NA UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Óscar Fumo <sup>1</sup>Alexandre António Timbane <sup>2</sup>

## Introdução

Neste texto, pretendemos descrever, analisar e discutir as práticas de leitura na universidade em Moçambique a partir da percepção dos estudantes. O nosso interesse é refletir sobre as concepções de leitura que fundamentam as práticas, as capacidades (ROJO, 2004) que estão envolvidas ou que são requeridas na leitura de textos no contexto do ensino superior em Moçambique, onde são frequentes denúncias de professores sobre a precariedade das habilidades de leitura dos estudantes. No discurso dos professores, reclama-se que os alunos chegam à universidade sem que tenham desenvolvido as competências necessárias para realizarem eficazmente as atividades de leitura dos géneros textuais típicos do universo acadêmico, comparativamente mais complexos e exigentes que os dos níveis de formação anteriores. Os professores parecem partir do pressuposto de que a leitura constitui uma habilidade que se desenvolve de forma cabal num determinado nível de aprendizagem e é transferível para outros níveis e contextos. Não é entendida como uma prática social, portanto, realizada num determinado contexto (no caso, o acadêmico), com usos de linguagem específicos e que demanda competências de leitura igualmente específicas, que se adquirem através da inserção nesse contexto de práticas. Provavelmente por conta dessa concepção, não é comum os professores do ensino superior desenvolverem estratégias de intervenção didática que auxiliem os alunos a superarem as dificuldades que enfrentam nas atividades de leitura.

Trata-se de uma abordagem exploratória que consiste na análise das respostas fornecidas através de um questionário aplicado a uma amostra de oito estudantes dos cursos de Licenciatura em Ensino de Português, Arqueologia e Gestão de Património Cultural e Literatura Moçambicana que frequentam o primeiro, o segundo e o quarto anos da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. Na nossa abordagem, partimos da ideia de Kleiman (2004) que defende a existência de uma diversidade de

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguística Aplicada/Instituto de Estudos de Linguagem – UNICAMP e Assistente Universitário na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique. Email: [oscarfumo@gmail.com](mailto:oscarfumo@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, Professor no Curso de Letras e Língua Portuguesa da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras (Campus dos Males, Bahia) Email: [alextimbana@gmail.com](mailto:alextimbana@gmail.com)

enfoques possíveis de serem adotados para o estudo da leitura. A nossa reflexão situa-se no âmbito dos ‘novos estudos de letramento’ (GEE, 2000; STREET, 2003; 2012), mais especificamente nos letramentos académicos (LEA, 1994; 2004; LEA; STREET, 1998). Pensamos que esta perspectiva, por orientar para a compreensão dos usos da linguagem particulares de um determinado contexto, pode possibilitar-nos compreender as práticas de leitura que ocorrem na Universidade Eduardo Mondlane, onde, apesar de haver frequentes críticas de professores sobre a precariedade das habilidades de leitura dos estudantes, não existem trabalhos de pesquisa que procurem conhecer de forma mais profunda e consistente a realidade de leitura desses universitários.

O carácter exploratório deste trabalho não permite generalizações sobre as práticas de leitura na universidade em estudo. Contudo, julgamos que os resultados preliminares poderão indicar caminhos, possibilidades e perspectivas para futuros trabalhos que pretendemos realizar nesta linha de pesquisa, sobretudo se tivermos em conta que, em Moçambique, praticamente não existem trabalhos de pesquisa cujo objeto seja a leitura na universidade<sup>3</sup>, como também não se tem seguido a perspectiva teórica dos letramentos nas reflexões sobre os usos da linguagem em contexto académico.

Para dar corpo ao trabalho, inicialmente tentamos enquadrar a nossa reflexão no âmbito da perspectiva dos ‘novos estudos de letramento’. De seguida, procuramos construir uma argumentação a favor do trabalho com a leitura nas práticas de letramento académico. Prosseguindo, justificamos as opções metodológicas tomadas, e, na sequência, fazemos a análise e discussão das informações/dados recolhidos. Finalmente, fazemos as considerações finais, apontando os desafios e as perspectivas para o trabalho com a leitura na Universidade em Moçambique.

## **1 Os ‘novos estudos dos letramentos’: pressupostos teóricos e conceitos**

Abordar as práticas de leitura no âmbito dos letramentos académicos implica uma referência prévia aos estudos dos letramentos, mais especificamente aos Novos Estudos dos Letramentos. Reuter (apud DELCAMBRE, 2015, p. 246) explica que a noção de letramento enfatiza as dimensões contextuais, sociais e culturais das práticas de leitura e escrita. A nova abordagem de letramento desenvolveu-se sobretudo no âmbito dos trabalhos da perspectiva teórica dos ‘Novos Estudos de Letramento’ (do Inglês *New Literacy Studies* – NEL), que questiona o letramento como conhecimento estrito do código da língua (LOPES, 2004), como

---

<sup>3</sup> Entre quatrocentos setenta e quatro trabalhos disponíveis no-repositório de bibliografias sobre o português de Moçambique (GONÇALVES; VICENTE, 2018), apenas cinco são sobre leitura e nenhum sobre a leitura na universidade.

resultado de uma aprendizagem funcional, supostamente estanque. Brian Street, que se tornou uma das mais proeminentes figuras desta abordagem teórica por lhe ter estabelecido o método, afirma, em seu texto *What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice*, que o que se denomina ‘Novos Estudos de Letramento’ representa uma nova tradição considerando a natureza do letramento, não mais focado na aquisição de habilidades, mas sim no que significa pensá-lo como uma prática social.

Em contraposição à perspectiva do letramento enquanto aquisição de habilidades relacionadas com a leitura e/ou a escrita, os ‘Novos Estudos de Letramento’ apontam para a compreensão do letramento enquanto práticas sociais, isto é, usos da leitura e/ou da escrita socialmente localizados e permeados por crenças, ideologias e relações de poder. Portanto, já não se fala de Letramento, no singular, mas de Letramentos, no plural, considerando o facto de que os usos da leitura e da escrita, que configuram o letramento, são situados, ou seja, estão “inseridos em determinados espaços e determinado tempo, o que lhes confere especificidades” (SOARES, 2004, p. 11).

A mudança de paradigma que a abordagem dos NLS representa torna-se mais clara com a proposta de Street (1984) pelo fato de distinguir dois modelos de letramento – o **autónomo** e o *ideológico*, que representam duas concepções sobre os usos da leitura e da escrita (na sua dupla dimensão: produção – **escrita** e recepção – **leitura**). No modelo de **Letramento autónomo**, consideram-se as práticas de leitura e escrita em termos meramente técnicos, fechadas em si e independentes do contexto social. Estabelece-se uma relação de causalidade entre o domínio da tecnologia da escrita e o desenvolvimento de competências cognitivas e intelectuais e, derivado disso, o progresso das sociedades onde a escrita seja predominante. Essa perspectiva ignora as especificidades das sociedades e as estruturas de poder nelas existentes (JUCHUM, 2016).

Em Kleiman (1995) observa-se que as características do **modelo autónomo** são descreve como (i) o processo de interpretação da escrita é determinado pelo funcionamento lógico interno ao texto; (ii) dicotomiza-se a oralidade e a escrita, focando-se diferenças e polarização extremas nos dois domínios, ignorando o contínuo existente; (iii) atribuem-se poderes e qualidades intrínsecas à escrita que se pensa ser responsável por operações mais abstratas, superiores – classificação, categorização, generalização, dedução. No **modelo ideológico**, as práticas de letramento estão vinculadas a práticas sociais, que por sua vez, são determinadas pelas estruturas de poder. Sendo assim, havendo diferentes contextos, as práticas serão diferentes, os seus significados e seus efeitos também serão diferentes (ROJO, 2009). Na obra de Kleiman (1995), o modelo ideológico, questiona os efeitos universais do letramento e sublinha a constatação de Heath (1983) que salienta as práticas de letramento que são permeadas por questões associadas a estruturas de poder.

A distinção dos modelos autónomo e ideológico enquanto concepções de letramento é importante para a análise das práticas de leitura e escrita por permitir refletir sobre as opções metodológicas, usos, valores e significados atribuídos à leitura e à escrita, bem como o papel dos envolvidos num determinado contexto. No que se refere especificamente à leitura, uma concepção do modelo autónomo de letramento é aquela cujas práticas valorizam as capacidades de descodificação em que ler é um processo perceptual e associativo de grafemas e fonemas para ascender ao significado da linguagem do texto. Ler é decodificar (ROJO, 2004). A concepção de leitura no modelo ideológico está alinhada com a perspectiva que encara o ato de ler como “acto de se colocar um discurso em relação a outros discursos anteriores a ele, emaranhados nele e posteriores a ele, com possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos” (ROJO, 2004, p. 3). Já não se trata apenas de descodificação, nem simplesmente de compreensão, mas também de interpretação, relação e apreciação.

## 2 Estudos dos Letramentos académicos

Decorrente da ideia dos múltiplos letramentos dos ‘Novos Estudos dos Letramentos’, diversos autores (BARTON; HAMILTON, 1998; LEA; STREET, 1998; LILLIS, 2001; LEA, 2004) estudam os usos da linguagem típicos da academia. Esses estudos partem do pressuposto de que a academia constitui um universo discursivo específico. Fiad (2011), por exemplo, assume que há usos específicos da leitura e da escrita no contexto académico que diferem de usos em outros contextos. Estudos realizados no âmbito desta moldura teórica sugerem que as práticas de leitura e escrita na academia desenvolvem-se numa rede complexa de códigos e regras que os seus integrantes precisam negociar para poderem funcionar competentemente.

Uma linha de pesquisa muito produtiva na área dos letramentos académicos é a que explora o conflito gerado pelas incompatibilidades entre o letramento dos estudantes e o letramento que lhes é exigido uma vez admitidos na universidade. As habilidades de leitura e escrita desses estudantes são incompatíveis com as que os professores universitários esperam que possuam. Lillis (1999) sugere que essas incompatibilidades, fundadoras do discurso de *déficit*, muito comum na academia, resultam da falta de explicitação das regras de funcionamento do discurso nesse universo, que é novo para o estudante. A essa ausência de explicitação, a autora chama de **práticas institucionais de mistério**. Essas práticas consistem em exigir do estudante o que não lhe foi explicitado, tal como solicitar que escreva um texto, sem lhe explicitar o género, a finalidade do exercício, o significado e outros aspectos envolvidos (ANTUNES, 2005; 2009).

Nos estudos dos Letramentos Acadêmicos, o discurso do *déficit* é bastante questionado e sugere-se que as práticas que envolvem a escrita (produção escrita e leitura) desenvolvem-se numa rede complexa de códigos e regras que os estudantes precisam dominar e negociar para que possam funcionar de forma competente no contexto em que se inserem. Julgamos que tal deve ser também no contexto da universidade. Entendemos que a universidade precisa desenvolver atividades que possam não só ajudar o estudante a melhorar a qualidade da escrita e da leitura, como também fazê-lo compreender e alcançar as habilidades e os conhecimentos específicos exigidos nesses domínios no universo acadêmico.

### **3 Leitura na universidade: um olhar sob ponto de vista dos letramentos acadêmicos**

Na universidade, em Moçambique, ouve-se com frequência os professores reclamarem que os estudantes apresentam competências de leitura aquém do que se espera. Contudo, nem por isso, a leitura tem merecido atenção como objeto de estudo, nem como objeto de pesquisa no contexto acadêmico. Depreende-se dos discursos dos professores a crença na ideia de que, chegados à Universidade, os estudantes já deveriam exibir habilidades de leitores proficientes. Aliada a essa crença, existe a ideia de que não cabe à universidade ocupar-se com o ensino da leitura, tarefa que é imputada ao ensino fundamental e médio. Esse recorrente debate revela a necessidade de adoção de metodologias que ajudem na melhoria da qualidade de leitura do aluno universitário. Em termos de pesquisa, pensamos que a perspectiva dos letramentos acadêmicos a que está ancorado este trabalho oferece-nos uma abordagem que nos possibilita superar as reclamações e vislumbrar pistas de ações.

Pensar que a leitura e a escrita são práticas sociais (à luz dos Novos Estudos dos Letramentos) e que a universidade constitui um universo discursivo específico (conforme a perspectiva dos letramentos acadêmicos) permite-nos superar a ideia de que existe, como é inferível nas reclamações, uma habilidade de leitura básica, transferível, adquirida de uma vez para sempre e que serve para entender qualquer texto (CARLINO, 2012). Ajuda-nos a deslocar a questão do plano do indivíduo (que possui ou não possui habilidades) para o plano do contexto social em que a prática ocorre. Percebe-se que não se trata apenas<sup>4</sup> de os estudantes não serem leitores proficientes, mas de serem, também, confrontados com novas formas de se relacionarem com a leitura em virtude de estarem ligados num novo contexto de práticas<sup>5</sup>. Nesse novo

---

<sup>4</sup> A reserva se deve ao facto de que, na nossa experiência de docência na universidade, temos sido, às, vezes, confrontados com a existência de estudantes que apresentam situações típicas de um processo de alfabetização incompleto ou deficiente, que se manifesta no fraco domínio do princípio alfabético.

<sup>5</sup> O estudante, quando chega à universidade, entra em choque com a quantidade de materiais e disciplinas que exigem a leitura. Esse choque resulta da diferença entre o que é lido no ensino médio e o que existe na universidade, bem como os níveis de exigência. Neste novo contexto, os debates nas aulas, a compreensão dos conteúdos, os trabalhos individuais e em grupos, as avaliações dependem fundamentalmente da leitura e ela se configura como condicionante do sucesso acadêmico.

universo, para lidarem melhor com a leitura, precisam conhecer as regras e normas que legitimam as novas práticas (KLEIMAN; MORAIS, 1999). Tal ideia implica compreender os modos de produzir e interpretar os textos. Os significados que a leitura, os seus propósitos, as capacidades demandadas, os sujeitos envolvidos, a sua posição enquanto leitor, bem como as relações de poder que perpassam essas práticas.

Assim colocada a questão, julgamos que é defensável que o professor se ocupe com a leitura na universidade. Cabe-lhe, enquanto membro da comunidade com maior experiência, promover práticas que concorram para a inserção do estudante nesse novo universo discursivo, cujos códigos e regras de funcionamento desconhece. Não se trata apenas de indicar ao estudante o que ler, mas também de o ensinar a operar com determinadas categorias de análise, com modos específicos de encarar os textos, mostrar-lhe os propósitos da leitura, conduzindo-o em direção à autorregulação do processo (CARLINO, 2012). Se aos professores cabe prestar maior assistência aos estudantes no processo de apropriação das práticas de leitura, à pesquisa cabe, sobretudo no contexto moçambicano onde ela ainda é incipiente, compreender como ocorrem as práticas de leitura, que significativos se atribui à leitura, que capacidades são demandadas, de modo a informar melhor as práticas de ensino-aprendizagem.

#### **4 Questões metodológicas e análises das percepções sobre a leitura universitária**

##### **4.1 Participantes e Corpus**

A nossa análise serve-se de respostas a um questionário aplicado a seis participantes, estudantes dos cursos de licenciatura em Ensino de Português, Literatura Moçambicana e em Arqueologia e Gestão de Património Cultural. O critério de seleção de participantes observou a necessidade de se captar as percepções de estudantes de diferentes níveis de graduação, por se assumir que, em função disso, lidam com a leitura de formas diferentes. Nesse sentido, envolveu-se para cada nível de graduação (do primeiro ao quarto ano) dois estudantes. A seleção dos cursos considerou o facto de, a princípio, supor-se que os diferentes cursos lidam com a leitura de maneiras diferentes. No curso de licenciatura em Ensino de Português, a leitura é, também, objeto de ensino; no de licenciatura em Literatura Moçambicana, supõe-se que o repertório de leituras inclui a leitura literária (mais do que em outros e com significado diferente); no curso de licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural, a leitura não tem supostamente o mesmo ‘estatuto’ como nos outros cursos.

## 4.2 Instrumento de coleta de dados

O questionário aplicado aos participantes é constituído por um total de dez perguntas, sendo nove abertas e uma de múltipla escolha. O objetivo foi compreender as percepções e informações que possam permitir inferir sobre questões que são objetos da pesquisa, nomeadamente: natureza das atividades de leitura, géneros de leitura frequentes, orientações de leitura e capacidades envolvidas. O questionário foi submetido aos participantes via correio electrónico (e-mail). Solicitou-se que, antes, os participantes apreciassem e decidissem responder ou não ao questionário, sendo que, caso decidissem não responder, não tinham a obrigação de informá-lo, para evitar que fossem constrangidos. Mais ainda, o cabeçalho expôs as finalidades do questionário e os objetivos da pesquisa, bem como uma solicitação de colaboração. Instruiu-se que elaborassem pessoalmente uma chave para o seu questionário e convertessem o texto para um formato não editável. Por questões éticas, salvaguardamos a identidade dos participantes, que passaram a ser identificados com códigos: informante 1: CAS29; informante 2: CMF2016; informante 3: DAM2017; informante 4: EM0916; informante 5: RN12002; informante 6: VC2150.

Analisámos as respostas a seis perguntas de um total de dez. A restrição se deveu ao cuidado de que o trabalho não fosse demasiado extenso. As questões analisadas são as que apontam de modo mais direto para as variáveis de análise consideradas no subcapítulo anterior. O que se pode captar das respostas ao questionário é que os estudantes reconhecem enfrentar dificuldades com as práticas de leitura na universidade, as quais caracterizam como sendo mais complexas e exigentes em termos de frequência e quantidade de textos para ler, nível de elaboração da linguagem e densidade na terminologia utilizadas. Reconhecem, igualmente, que lhes são exigidos novos papéis enquanto leitores.

Decerto que a leitura na universidade é muito mais intensa que a do nível médio; a este nível os estudantes são obrigados a ler muitos textos para que tenham sucesso na sua formação. São textos com um conteúdo mais elaborados, de naturezas científica, comparadamente aos textos dos níveis anteriores. Está patente nos mesmos uma linguagem académica, linguagem técnica. Estes textos exigem muito do leitor para que sejam entendidos [SIC] (DAM2017).

Eu penso que as formas de ler na universidade são diferentes em relação ao nível anterior no que diz respeito a quantidade de leituras, complexidade dos textos nos conteúdos e na linguagem. Quem lê, tem o caminho mais curto para adquirir conhecimento e tanto na Universidade como no ensino médio aprendemos assim, todavia é na universidade onde as exigências são maiores visto que um dos propósitos dela é a formação de cidadãos com um pensamento crítico. (EM0916)

É notável uma forte ênfase na questão da complexidade da linguagem e da natureza (género) acadêmica dos textos a ler. Este aspecto reforça, pois, a necessidade de, nas práticas de leitura, se levar em consideração a pouca familiaridade que os estudantes mantêm com os textos na universidade, pelo que há lhes deve prestar assistência, ajudando-os a compreender e lidar com a linguagem dos textos acadêmicos (que varia em função da área e da disciplina), bem como trabalhando com eles sobre a estrutura e a construção dos géneros acadêmicos.

Outro aspecto que os participantes relatam é que, apesar dessas dificuldades, recebem pouca orientação dos professores. Os informantes afirmaram haver poucos professores que se preocupam em lhes orientar na leitura dos textos. Os poucos que existem, fazem-no de forma vaga e pouco produtiva, com instruções do tipo “leiam parágrafo por parágrafo”, “sublinhem as ideias”, “resumam”. Em outros casos, em face das dificuldades que os estudantes manifestam, os professores mandam reler os textos, sem orientações adicionais ou fazem a vez do estudante e discorrem sobre os textos, desconsiderando a leitura que esse tenha feito.

Os docentes muitas vezes recomendam o texto sem explicar aos estudantes o que lhes é esperado após a leitura do texto, acreditando que os estudantes já tenham aprendido nas cadeiras anteriores que tenham a ver com metodologia científica (CMF2016).

O professor explica o conteúdo do texto (EM0916).

Na verdade, nenhuma reação. O resultado aparece na avaliação: quem tirou negativa é porque não leu bem o texto”, este tem sido o lema de muitos docentes, porque esquecem que para se ler bem um texto, é preciso também orientar-se bem. Reconheço que existem poucos professores na academia que trabalham uma ou duas aulas de leitura e compreensão conjunta de textos com os alunos (VC2150).

Chama-se atenção neste aspecto à contradição resultante do facto de, mesmo sem orientar a leitura, os professores a tomarem como critério de avaliação. Esta atitude remete-nos à ideia das práticas de mistérios (LILLIS, 1999), em que se exige dos estudantes o que não lhes foi ensinado, daí as arbitrariedades que podem surgir, uma vez que os critérios, os parâmetros não são compartilhados. Em termos de capacidades privilegiadas pelos professores, destaca-se a capacidade de extração e fixação do conteúdo do texto, seguida da capacidade de relacionar as ideias do texto com as de outros textos (intertextualidade). No entanto, a capacidade de criticar o texto e propor ideias próprias parece pouco valorizada ou demandada. Se nos basearmos nestas informações, podemos afirmar que a perspectiva de leitura privilegiada nas práticas da universidade é aquela em que se concebe o texto como repositório de mensagens, as quais o leitor deve ser capaz de achar e fixá-las. Pensando como Kleiman (2011), a leitura não constitui uma atividade de interação entre o autor e o leitor/estudante, em que este aceita, refuta e critica.

## Considerações finais

Se os aspectos relatados pelos participantes refletem, de facto, as práticas de leitura na universidade, existem motivos para nos preocuparmos com o letramento académico dos estudantes. Os relatos apontam para práticas de leitura que se aproximam do letramento autónomo e de práticas institucionais de mistério (LILLIS, 1999). Tal se pode verificar, por exemplo, por um lado, na ausência de orientação docente para as atividades de leitura, o que se pode dever à crença de que os alunos que chegam à universidade são ou deveriam ser leitores proficientes e que a leitura é uma habilidade fixa, transferível de um domínio a outro e independente em si. Por outro, nota-se pelas capacidades que se requer dos estudantes, nomeadamente, a de ser capaz de extrair os sentidos do texto e fixá-los, sem os ressignificar e questionar.

As práticas semelhantes parecem-nos contraproducentes para a formação de um académico, uma vez que está subjacente nelas a imagem de um indivíduo que se limita à reprodução das vozes e dos pensamentos de outros, sem conseguir compreender como se constituem. O professor, quando dispensa o trabalho com a leitura, deixa de contribuir para a inserção do estudante nas linhas de pensamento do seu campo de estudos, nas suas polémicas, na apropriação dos seus conceitos, terminologias, bibliografia, na percepção das relações de poder que se estabelecem na área e outros aspectos que configuram a pertença a uma comunidade académica. A universidade é uma instituição social específica, constituída por lógicas e práticas muito peculiares. Partindo deste pressuposto, compreender-se-ia que a leitura na universidade é diferente da que se faz em outros níveis de formação e que ler em uma disciplina significa lidar com textos dirigidos a uma comunidade específica e cuja compreensão implica o domínio dos códigos, os interesses, as principais linhas de pensamento e polémicas dessa comunidade. Com efeito, entender-se-ia que, o professor desempenha uma tarefa fundamental de orientar o estudante, aspirante a membro da comunidade académica. Em qualquer nível de ensino, é necessário que os professores estejam preparados metodologicamente para lidar com apoio ao ensino da leitura.

Não cremos poder-se fazer generalizações sobre as práticas de leitura no letramento académico na universidade em Moçambique<sup>6</sup> num trabalho desta dimensão e com diversos condicionantes. Mas, acreditamos ter colhido subsídios que nos permitem sistematizar questões que podem ser úteis para trabalhos futuros e mais amplos em torno deste tema. Por exemplo, seria importante um trabalho que procurasse verificar se as práticas diferem em função dos

cursos e em que aspectos, como também, em que medida os professores modelam as atividades de leitura para responder à especificidade do curso, que formação pedagógica possuem e que conhecimentos os professores têm sobre a leitura e que função lhe atribuem nas suas práticas educativas.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. v.13. São Paulo: Parábola, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Língua, texto e ensino: outra escola é possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. 56.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local Literacies: reading and writing in one community**. London: Routledge, 1998.
- CARLINO, P. **Escribir, leer y aprender en la universidad: una introducción a la alfabetización académica**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012.
- DELCAMBRE, I. Formas diversas de articulação entre o discurso de outrem e o discurso próprio: análises de comentários de textos teóricos. In: RICK, F., BOCH, F.; ASSIS, J. A. (Org.). **Letramento e formação universitária: formar para e pela escrita**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2015, p. 163-204.
- FIAD, R. A escrita na universidade. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, 2011. p. 357-369.
- GEE, M. The New Literacy Studies: from social situated to the work of the social. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (Org.). **Situated literacies: reading and writing in context**. London: Routledge, 2000, p. 180-196.
- GONÇALVES, P.; VICENTE, F. **Cátedra do português língua segunda e estrangeira**. Maputo: UEM, 2018. Disponível em: <<http://www.catedraportugues.uem.mz/?target=lista-bibliografia>>. Acesso em: 30 ago.2018.
- HEATH, S. B. **Ways with words**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- JUCHUM, M. **Letramentos acadêmicos: projectos de trabalho na universidade**. 171p. 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- KLEIMAN, Â. Abordagens da leitura. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p.13-22, 2º semestre, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Leitura e pesquisa**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

<sup>6</sup> Reafirmamos a impossibilidade de generalização só a partir deste trabalho.

\_\_\_\_\_ Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15 – 61.

KLEIMAN, A.; MORAIS, S. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projectos da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

LEA, M. R. “I thought I could write until I came here”: Student writing in higher education. In: GIBBS, G. (Ed.). **Improving student learning**: Theory and practice. Oxford: Oxford Centre for Staff Development, 1994, p. 216-226.

\_\_\_\_\_ Academic literacies: a pedagogy for course design. **Studies in High Education**. v.29, nº 6. Dez, 2004. Disponível em : <[http://www.writing.ucsb.edu/wrconf08/Pdf\\_Articles/Lea\\_article.pdf](http://www.writing.ucsb.edu/wrconf08/Pdf_Articles/Lea_article.pdf)>. Acesso em: 27 ago. 2018.

LEA, M.; STREET, B. Student writing in high education: an academic literacies approach. **Student in Higher Education**, Vol. 23, Issue 2, p. 157. Julho, 1998.

LILLIS, T. Who’s Common Sense? In: JONES, C. & STREET, B. (Eds.). **Students Writing in the University**. Amsterdam: Benjamins, 1999, p. 127-147.

\_\_\_\_\_ . **Student Writing**: access, regulation, desire. London: Routledge, 2001.

LOPES, I. A. **Cenas de letramento**. 212p. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Centro de Artes e Comunicação – CAC – Universidade Estadual de Pernambuco UFPE, Recife, 2004.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_ . **Letramento e capacidade de leitura para a cidadania**. Disponível em: <file:///C:/Users/HP/Downloads/Letramento\_e\_capacidade\_de\_leitura\_pra\_cidadania\_2004.pdf> Acesso em: 27 ago. 2018.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. (org.). **Letramento no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 2004, p. 89-113.

\_\_\_\_\_ **Letramento**: um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STREET, B. Eventos de Letramento e Práticas de Letramento: Teoria e Prática nos Novos Estudos do Letramento. In: MAGALHÃES, I. (org.). **Discursos e práticas de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 69-92.

\_\_\_\_\_ What’s new in New Literacy Studies: critical approaches to literacy in theory and practices. **Current Issues in Comparative Education**. Columbia University, 2003, v. 5, n.2. p. 77-91.

\_\_\_\_\_ **Literacy in Theory and Practice**. New York: Cambridge University Press, 1984.

Recebido em: 20/02/2019

Aprovado em: 30/06/2019